

Os verbos irregulares em língua inglesa: das origens a uma proposta pedagógica

The irregular verbs in English: from origins to a pedagogical proposal

Cassiano Luiz do Carmo Santos

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Docente de Língua Inglesa e de Estudos Linguísticos no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Nilópolis

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1706-4575>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2779549090121631>

E-mail: cassiano.santos@ifrj.edu.br

Resumo

Em inglês, ao se ensinar o *Simple Past* (Passado Simples), o professor tradicionalmente apresenta a seus alunos uma lista bipartida de verbos: de um lado, verbos que seguem um padrão (os verbos regulares), pois recebem um sufixo em sua forma passada, e do outro, verbos que fogem a esse padrão, denominados verbos irregulares. Ao proceder desta forma, o docente apresenta os verbos irregulares como um bloco totalmente rígido, que foge a qualquer tipo de sistematização. Entretanto, se o desenvolvimento diacrônico da língua for levado em consideração, perceberemos que a irregularidade dos verbos de passado em inglês é apenas aparente. Assim, este artigo tem por objetivo apresentar como o passado destes verbos se deu, demonstrando as motivações que levaram alguns verbos a serem regulares e outros irregulares no inglês contemporâneo. Este estudo foi realizado consultando-se a literatura linguística sobre o assunto. Adota-se aqui uma visão de língua enquanto fenômeno dinâmico, influenciada tanto por fatores externos à língua (como o contexto social) como por fatores internos (tais como processos morfofonológicos e semânticos). Ao final do artigo, defende-se que, mesmo no inglês contemporâneo, é possível uma sistematização dos verbos irregulares, conforme aponta Steinberg (1985), e que tal sistematização, juntamente com questões linguístico-históricas, podem ser apresentadas aos aprendizes de língua inglesa. Acredita-se que com uma apresentação didática destes aspectos, o ensino destes verbos se tornará menos arbitrário, contribuindo para uma maior conscientização do discente de que a aprendizagem de uma língua vai além de simplesmente “decorar” uma lista de verbos.

Palavras-chave: Verbos irregulares. Verbos de passado. Língua inglesa. Proposta pedagógica.

Abstract

In English, when teaching the Simple Past Tense, the teacher traditionally presents his students a bipartite list of verbs: on the one hand, verbs which fall into a pattern (the regular verbs), since they receive a suffix in their past form, and on the other hand, verbs which do not fall into such a pattern, namely the irregular verbs. Putting it this way, teachers end up presenting the irregular verbs as a totally rigid block, which escapes any kind of systematization. However, if the diachronic development of the language is taken into account, one will notice that the irregularity of English past verbs is only apparent. Thus, the objective of this paper is to present how the past of these last verbs took place, demonstrating the motivations that led some verbs to become regular and others, irregular at present-day English. This study was done considering Linguistic literature about the subject. Language here is seen as a dynamic phenomenon, influenced by factors outside the language (such as the social context) as well as factors internal to it (such as morphophonological and semantic processes). At the end of this paper, it is claimed that, even in present-day English, a systematization of English irregular verbs is possible. Such systematization is possible by including Steinberg's work (1985) as well as linguistic and historical matters, which both can be introduced to the learners of the English language. It is believed that by a didactic presentation of these aspects, the teaching of these verbs will become less arbitrary, which in turn contributes to a greater learner awareness about the fact that learning a language goes beyond simply “memorizing” a verb list.

Key words: Irregular verbs. Past verbs. English language. Pedagogical proposal.

Data de submissão: 30/04/2020 | Data de aprovação: 05/07/2020

1 Introdução

Ao longo de minha carreira no magistério de língua inglesa, percebi que os alunos encaram com grande mistério a irregularidade dos verbos ingleses no tempo passado (o *Simple Past Tense*). Acredito que isto se deve, em parte, à tendência de se ensinar esta parte do conteúdo da língua de forma muito arbitrária e desvinculada de seu contexto de desenvolvimento. Desta forma, o que o professor faz é quase sempre apresentar duas listas de verbos: uma com os verbos que recebem uma marca de flexão (o *-ed*), que são os verbos regulares, e uma outra lista, com os verbos que não recebem tal flexão, os verbos irregulares. Após, convida-se o aluno a decorar estes verbos, caracterizando como casuístico o fato de o verbo pertencer a uma ou outra classe.

Em parte, há uma razão. No estágio atual da língua, não há elemento que possa prever se o verbo vai receber o sufixo¹ de passado ou não. Ou seja, é imprevisível, considerando-se apenas a forma básica do verbo (isto é, seu infinitivo sem a partícula *to*), se ele será regular ou irregular no inglês contemporâneo. Mas nem por isso, pode-se dizer que é totalmente arbitrário o fato de, no momento atual, o verbo se apresentar de uma forma ou de outra. Isto porque, como se verá nas seções seguintes, fatores históricos, processos morfofonológicos e semânticos, bem como processos cognitivos, contribuíram para o estado sincrônico destes verbos.

É a desconsideração de questões como estas que levam o aprendiz de língua inglesa (ou de qualquer outra língua estrangeira) a acreditar que a língua está desvinculada de um passado e que, portanto, é arbitrária.

Este artigo está organizado em 4 seções. Após a introdução (primeira seção), a seção seguinte tem como objetivo fornecer um panorama geral da língua do ponto de vista de sua formação. Assim, apresentam-se os primeiros povos que deram origem ao inglês arcaico e ao inglês médio. Mostram-se também algumas questões linguísticas de relevância para o inglês contemporâneo.

A terceira seção contempla questões linguísticas específicas das formas verbais de passado em inglês e apresenta duas subseções: na primeira, mostra-se como as formas verbais de passado se desenvolveram no inglês arcaico e no inglês médio, e na segunda subseção, apresenta-se a contribuição da abordagem linguística centrada no uso para a explicação do desenvolvimento destes verbos ao longo do tempo.

A quarta seção está voltada para questões do inglês contemporâneo e também apresenta duas subseções. Na primeira, exhibe-se o estado atual da divisão dos verbos de passado em inglês e se apresenta a proposta de organização dos verbos irregulares em grupo, conforme Steinberg (1985). Na segunda, mostra-se de que forma tudo o que foi exposto neste artigo pode contribuir para o ensino dos verbos irregulares de passado em inglês (e aos verbos de passado de maneira geral). Após, segue-se uma conclusão (quinta seção).

¹ Nos manuais e gramáticas de Língua Portuguesa, há preferência para o termo **desinência** para se referir aos sufixos verbais. Aqui, manterei o termo utilizado na tradição linguística tipológica, a saber, sufixos flexionais.

2 História da língua inglesa

Segundo Eckersley e Eckersley (1960), os primeiros povos que habitaram as ilhas britânicas e deixaram registro foram os Bretões. Estes povos falavam cerca de seis línguas (irlandês, bretão, escocês, manês, galês e córnico²), denominadas genericamente de **línguas célticas**. Por volta do ano 55 A.C., os romanos invadem a ilha da Grã-Bretanha (levando o **latim**) e permanecem até o ano 410 de nossa era. Após este período, saem para proteger o Império Romano das invasões bárbaras.

Apesar de todas essas línguas já serem faladas na Grã-Bretanha, nenhuma delas teve grande relevância para a formação da língua inglesa, pois ela começa a se formar apenas com a entrada dos **anglos**³, **saxões** e **jutos** (povos bárbaros), durante a primeira metade do século V de nossa era.

Estes povos, que penetram a partir da região sudeste da grande ilha, falavam as línguas pertencentes ao **ramo germânico** que, longe de ser homogêneo, subdividia-se em três outros ramos: o germânico setentrional, o germânico ocidental e o germânico oriental.

O germânico trazido pelos povos bárbaros às Ilhas Britânicas pertencia ao ramo ocidental⁴, que se desenvolveu em dialetos distintos, mas mutuamente inteligíveis. Os saxões falavam o saxão ocidental, os jutos falavam o kentiano e os anglos, o nortúmbrio e o mércio. Todos estes dialetos recebem o rótulo de **anglo-saxão (ou inglês arcaico)**⁵ na literatura (HOGG, 2002).

Eles foram se alternando em importância, em períodos diversos. Inicialmente, o **nortúmbrio** desempenhou o papel de língua de cultura, na cidade de York, de onde foram escritos os primeiros poemas na região, através do poeta **Caedmon** (ECKERSLEY; ECKERSLEY, 1960, p. 419). Foi em Nortúmbrio também que o evangelho de São João foi traduzido pelo Venerável Bede.

Após, é o **saxão ocidental** que adquirirá relevo no cenário cultural, durante o reinado de Alfredo, o Grande (848-901), que também era escritor. Por fim, quando Londres se torna a capital da Inglaterra, o dialeto **mércio** é que é levado ao estatuto de língua de cultura, sendo falado também nas cidades de Oxford e de Cambridge. Diversos autores apontam que foi deste dialeto que se desenvolveu o inglês padrão.

Vale dizer que a produção literária em anglo-saxão compartilhava muitos elementos com a literatura germânica: tanto nas histórias cristãs como nas narrativas heroicas, todas transmitidas de geração a geração oralmente (GREENBLATT; ABRAMS, 2005). Ressalte-se aí o papel fundamental do cristianismo no registro da língua anglo-saxônica, pois somente com a conversão dos povos germânicos da Grã-Bretanha à cristandade é que surgirão os primeiros textos escritos em anglo-saxão (ou inglês arcaico): os **códigos de leis** promulgados por **Ethelbert**, o primeiro rei cristão da Inglaterra (GREENBLATT; ABRAMS, 2005).

² Esta língua foi extinta no século XVIII, mas recentemente houve tentativas de reavivá-la (CORNISH LANGUAGE, 2020).

³ Daí o nome Inglaterra (de “*Engla-land*”, “terra dos anglos” (tradução nossa), ECKERSLEY; ECKERSLEY, 1960).

⁴ Do qual também se originaram o holandês, o frísio e o flamengo.

⁵ Do termo em inglês *Old English* (tradução nossa)

Eckersley e Eckersley (1960) apontam duas grandes influências sobre o anglo-saxão: a **influência dinamarquesa** e a **influência normanda**. A primeira se deu por volta do século VIII, quando o povo dinamarquês ocupou a região norte do território inglês. Apesar de haver inteligibilidade mútua, visto que os radicais de muitas palavras eram comuns tanto ao anglo-saxão como ao nórdico oriental arcaico⁶ da época, as terminações e flexões eram diferentes.

Gradativamente, devido ao contato entre as duas línguas, o anglo-saxão perdeu grande parte de seus sufixos. Houve, por outro lado, ganhos na seara do léxico e no sistema pronominal com a introdução, por exemplo, das formas de plural pronominal “*they, their e them*”, que substituíram as formas existentes em anglo-saxão, que eram mais similares às formas do singular (ECKERSLEY; ECKERSLEY 1960, p. 422).

A segunda influência ocorreu com a invasão dos Normandos em 1066, inaugurando um novo período na língua, devido à influência do francês. Este período é denominado **Inglês Médio**⁷ e se estenderá até a introdução da imprensa em 1476, por William Caxton. Do ponto de vista linguístico, além da contínua perda das terminações flexionais, começada no contato com a língua nórdica oriental arcaica, há um grande ganho lexical. O inglês passa, por exemplo, a possuir uma dupla forma para muitas palavras: uma de origem saxã e outra de origem francesa. Como se observa nos pares de palavra *friendship/amity, foe/enemy, pig/pork*⁸, só para citar alguns.

Como outras características linguísticas do período do inglês médio, podemos citar o surgimento de preposições, como consequência da contínua perda das flexões, como já mencionado anteriormente, e a fixação de uma posição de sujeito no início da oração.

Traugott (informação verbal)⁹ divide o período moderno da língua em três fases: período inicial da idade moderna, período do inglês moderno e inglês contemporâneo ou inglês atual (PDE¹⁰).

O **período inicial da idade moderna da língua** corresponde ao momento em que o inglês começa a se expandir pelo mundo. Isto acontece como consequência da expansão do domínio britânico. De acordo com Gooden (2009), no ano da morte da rainha Vitória (em 1901), por exemplo, o império cobrirá mais de um quinto de todas as terras do planeta.

Como consequência desta expansão colonial, ocorrerá a expansão linguística do inglês, que não se deu de maneira uniforme em todas as regiões de colonização. Em locais onde a colonização se iniciou mais cedo, o inglês gradativamente será adotado pelas populações

⁶ Este dialeto dará origem ao dinamarquês moderno, após é claro, sucessivas transformações e influências.

⁷ Tradução do termo em inglês *Middle English* (tradução nossa)

⁸ Algumas diferenças entre um ou outro termo do binômio estão relacionadas ao contexto, como é o caso de *amity* e *friendship*. Apesar de ambos se deixarem traduzir por “amizade” em português, o primeiro vocábulo é mais formal e é utilizado em contexto político (AMITY, 2020). Outras diferenças parecem se dar mais no nível semântico, como é o caso de *pig* e *pork*. *Pig* se refere ao porco enquanto ser vivo ao passo que *pork* se refere à carne de porco, quando é servida em um prato, por exemplo. Um estudo mais aprofundado da semântica e do desenvolvimento destes binômios na língua inglesa ainda está por se fazer.

⁹ Informação fornecida pela professora doutora Elisabeth Closs Traugott, por ocasião do XII Seminário Nacional do Grupo Discurso & Gramática/ I Workshop on Grammaticalization of the Discourse and Grammar Research Group, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2007.

¹⁰ Sigla em inglês para *Present Day English*, ou em português, “inglês do tempo presente” (tradução nossa).

locais. Já os lugares onde o inglês assumirá um caráter mais secundário, com estatuto de língua oficial, a adoção da língua envolveu questões mais complexas.

Uma delas estava relacionada ao período em que se deu a colonização. Geralmente as áreas em que o inglês adquiriu um caráter mais marginal correspondiam àquelas em que a colonização se deu mais tardiamente. Outro fator que propiciava um caráter mais secundário ao inglês nestas regiões estava relacionado a quão esparsas eram as populações locais: quanto mais concentrada geograficamente era a população local, mais dificilmente o inglês penetrava.

Um último fator, também dificultoso à penetração do inglês na comunidade e a sua ampla adoção, estava relacionado a uma tradição escrita ou ao fato de a comunidade possuir alguma estrutura social organizada.

Do ponto de vista linguístico, a principal característica do inglês moderno, de maneira geral, está associada ao surgimento dos verbos auxiliares. O surgimento de novos itens ao inventário lexical da língua também será uma característica marcante em **todas as fases do inglês moderno**, devido ao contato cada vez crescente com novos povos.

Passo agora à seção seguinte, em que apresento aspectos da diacronia dos verbos de passado em inglês, focando no período do inglês arcaico e do inglês médio, estágios fundamentais para compreender a evolução destes verbos até os dias atuais.

3 Aspectos diacrônicos do passado dos verbos em inglês

Nesta seção, aborda-se o desenvolvimento diacrônico dos verbos de passado do inglês. A primeira subseção possui um caráter mais descritivo, apresentando o comportamento destes verbos no inglês arcaico e médio. Já a segunda subseção fornece uma explicação, por meio de uma análise linguística centrada no uso, sobre as modificações destes verbos ao longo do tempo.

3.1 As formas de tempo passado em inglês arcaico e em inglês médio

A forma dos verbos no passado em inglês atual é resultado do desenvolvimento histórico da língua, ou seja, os verbos nem sempre se comportaram da mesma forma.

No inglês arcaico, o verbo se comportava de forma muito diferente da dos verbos atuais, pois o paradigma flexional era muito mais “rico”, havendo muitos sufixos para marcar as categorias linguísticas de tempo e de pessoa (HOGG, 2002). Observe-se o quadro a seguir:

Quadro 1 - Conjugação do presente e do passado do indicativo do inglês arcaico *lufian*

Indicativo (verbo <i>lufian</i> “love” – amar)		
<i>Formas pronominais</i>	<i>Presente</i>	<i>Passado</i>
1 sing.	lufie	lufode
2 sing.	lufast	lufodest
3 sing.	lufað	lufode
Plural	lufiað	lufodon

Fonte: Hogg (2002, tradução nossa)

No quadro acima, é possível perceber que o rol de sufixos flexionais de que o inglês dispunha em seu período mais remoto era maior do que o atual. No presente do indicativo, notam-se diferentes sufixos para as três pessoas do singular e um único para as três pessoas do plural. Neste último caso, para se diferenciar da terceira pessoa do singular, o radical do verbo conservava a vogal temática “i”, após a qual se acrescentava a terminação –að.

O verbo conjugado acima pertencia à classe dos **verbos fracos**, isto é, verbos que ganhavam um sufixo dental tanto em sua forma pretérita como em sua forma de particípio passado¹¹. Este sufixo dental era o /d/ na maioria dos casos. Raras vezes, entretanto, ocorria a contraparte surda do fonema, ou seja, /t/. Segundo Hogg (2002), havia três classes (paradigmas) entre os verbos fracos, demonstrando que estes verbos estavam longe de formar uma classe homogênea.

Uma outra classe importante de verbos eram os **verbos fortes**. Correspondiam aos verbos mais antigos e mais frequentes do inglês arcaico. Estes verbos possuíam em comum o fato de formarem sua forma pretérita (passada) e suas formas de particípio passado por meio de **alternância na quantidade ou na qualidade**¹² da vogal da raiz. Este tipo de fenômeno não era exclusivo do inglês, já que era utilizado por outras línguas germânicas, recebendo o nome de **ablaut** (termo cunhado pelo indoeuropeísta do século dezanove Jacob Grimm).

Assim como ocorria com os verbos fracos, os verbos fortes não formavam uma classe homogênea, havendo sete subtipos (ou classes), conforme Hogg (2002). Cada subtipo se diferenciava, basicamente, pelo padrão de alternância vocálica, alguns dos quais exemplifico abaixo:

¹¹ Mantere aqui a nomenclatura das gramáticas mais tradicionais em língua inglesa, que diferenciam entre um **particípio presente** e um **particípio passado**. Ambos equivalem a formas nominais do verbo na tradição gramatical de língua portuguesa: o particípio presente corresponderia ao gerúndio e o particípio passado, ao particípio. Ao longo deste artigo, quando o vocábulo **particípio** for utilizado, sem especificação de tipo, subentenda-se particípio passado.

¹² A quantidade tem a ver com o fato de a vogal ser longa ou breve e a qualidade, ao fato de a vogal ser átona ou tônica, por exemplo.

Quadro 2 - Exemplos de paradigmas de verbos fortes no inglês arcaico

verbo	Infinitivo	passado singular	passado plural	particípio passado
I	<i>rīdan</i> ¹³	<i>rād</i>	<i>ridon</i>	<i>geriden</i>
II	<i>drīfan</i> ¹⁴	<i>drāf</i>	<i>drifon</i>	<i>gedrifon</i>
III	<i>sprecan</i> ¹⁵	<i>spræc</i>	<i>spræcon</i>	<i>(ge)sprecen</i>

Fonte: Hogg (2002, tradução nossa)

É perceptível da tabela acima que os verbos I e II apresentam alternância vocálica semelhante. Ambos alteram a vogal *ī* de seu radical para a vogal *ā* na forma do passado singular. Já no passado plural (que, apesar do nome, englobava também a segunda pessoa do singular) a vogal se altera para *i*. Permanece esta última vogal no particípio passado, acrescentando-se o sufixo flexional *-en*, presente em todas as formas de particípio dos verbos fortes.

Já o prefixo *ge*¹⁶, apesar de muito frequente, não ocorria em todas as formas de particípio passado. Era opcional em alguns casos, como exemplificado pelo verbo III da tabela acima, com o prefixo entre parênteses. Considerando-se os três verbos, notamos que o paradigma exemplificado em III destoa de I e de II, constituindo, portanto, um paradigma diverso. Em outras palavras, o verbo em III pertencia a uma classe de verbo forte diferente da de I e II.

O traço acima das vogais das formas verbais do quadro 2 não necessariamente indica que a vogal é longa, pois há variação na convencionalização da escrita em inglês arcaico. Às vezes, o traço pode indicar um ditongo também¹⁷.

Como foi exposto até agora, os verbos fortes formavam paradigmas, e como tais, possuíam formas previsíveis. Isto é, para cada classe, a alternância da vogal da raiz exibia o mesmo padrão para as formas de passado e de particípio passado.

Uma outra classe importante de verbos era a constituída pelos **verbos anômalos**. Correspondiam a verbos cujos paradigmas não seguiam um padrão, diferentemente do que ocorria com os verbos fracos e fortes. Um exemplo de verbo deste tipo é o verbo *bēon* (ser ou estar), de onde deriva o verbo atual *to be*. Abaixo apresento a conjugação no presente e no passado do indicativo:

¹³ Correspondente ao verbo contemporâneo *ride* – andar de, cavalgar, viajar.

¹⁴ Correspondente ao verbo contemporâneo *drive* – impelir, empurrar, dirigir, conduzir.

¹⁵ Correspondente ao verbo contemporâneo *speak* – falar, discursar.

¹⁶ Percebem-se em inglês arcaico, mais uma vez, as semelhanças com os particípios em alemão e em holandês.

¹⁷ Para mais detalhes, sugiro a leitura de Hogg (2002) e Fennel (2001).

Quadro 3 - Conjugação do presente e do passado do indicativo do verbo *bēon/wesan* do inglês arcaico

Indicativo (verbo <i>bēon/wesan</i> “be” – ser ou estar)			
<i>Formas pronominais</i>	<i>Presente 1</i>	<i>Presente 2</i>	<i>Passado</i>
1 sing.	eom	bēo	wæs
2 sing.	eart	bist	wære
3 sing.	is	bið	wæs
Plural	sindon	bēoð	wæron

Fonte: Hogg (2002, tradução nossa)

O verbo ‘ser’ ou ‘estar’ possuía dois infinitivos no inglês arcaico: *bēon* e *wesan*. Como se nota, a forma infinitiva do atual verbo ser/estar em inglês se origina da primeira forma do infinitivo. Para o presente do indicativo, havia dois paradigmas de conjugação, que são indicados no quadro acima por meio dos numerais 1 e 2. Apesar de ambos os paradigmas serem usados no presente, o primeiro era mais frequente, ou seja, mais usado.

Percebe-se a semelhança do paradigma do presente 1 com algumas formas da conjugação do verbo *to be* no inglês atual. A primeira pessoa do singular no tempo presente, por exemplo, lembra a forma atual *am* e a forma de terceira pessoa do singular é idêntica à forma atual para a mesma pessoa e número.

A forma que destoa, comparando-se com o inglês contemporâneo, é *sindon*¹⁸. Isto acontece porque ela foi substituída pela forma *aron*, que apesar de ser registrada em textos de inglês arcaico, parece ser de origem escandinava, segundo defende Hogg (2002, p. 36). Harper (2020) registra, de fato, que a forma *aron* era usada em Nortúmbrio e em Mércio. Neste último dialeto, era realizada pela forma variante *earun*.

Para o passado, usavam-se as formas passadas de *wesan* que, mais uma vez, lembra muito o paradigma das formas passadas do inglês corrente: *wæs* assemelhando-se à forma atual *was* e *wære*, à forma atual *were*.

Parte da irregularidade dos verbos anômalos se deve ao fato de serem formas supletivas, isto é, algumas formas do paradigma de um verbo advêm de formas de outro verbo, lexicalmente distinto. Por exemplo, um outro verbo anômalo era *gān* (*go* – ‘ir’), cuja forma pretérita no indicativo era *ēode*, que apesar de etimologia desconhecida (talvez do Gótico, segundo HARPER, 2020) certamente não pertencia ao paradigma de *gān*. Durante o Inglês Médio, este verbo continuará sendo anômalo, mas tendo sua forma supletiva *ēode* substituída por *went*, passado do verbo *wend*¹⁹ (‘ir’, ‘dirigir-se a’).

Durante o Inglês Médio, as distinções entre verbos fortes, fracos e anômalos se mantiveram. Entretanto, na passagem do inglês arcaico para o médio, houve redução no número de classes entre estes verbos. Além disso, houve migração de uma categoria para

¹⁸ Convido o leitor a comparar os paradigmas do presente do indicativo do quadro 3 com o verbo ser/estar do alemão e do holandês contemporâneos, *sein* e *zijn*, respectivamente e notar as semelhanças!

¹⁹ Segundo Wehmeier (2000), trata-se de um verbo muito antigo e restrito ao uso literário.

outra, por exemplo, um verbo que anteriormente era forte, passou a ser fraco (processo muito comum)²⁰. Por essa razão, a quantidade de verbos fortes se reduzirá drasticamente, e a de verbos fracos, aumentará.

Um último aspecto a ser mencionado é que nem todo verbo irregular no inglês contemporâneo deve sua irregularidade a um verbo forte²¹ ou ao fato de ter sido um verbo anômalo. Outros processos fonéticos entre os antigos verbos fracos também foram responsáveis pela irregularidade dos verbos no inglês atual, além das razões que serão explicitadas na próxima subseção.

3.2 A explicação da abordagem centrada no uso para o passado dos verbos ingleses ao longo do tempo

Em Linguística, a abordagem centrada no uso é bem recente. É herdeira teórica de abordagens que se centram no uso linguístico e na situação comunicativa, por oposição a abordagens formalistas (cujo foco é a forma linguística). Atribui-se também grande importância à frequência e à atuação de processos cognitivos (CARMO SANTOS, 2018).

Em uma abordagem centrada no uso²², acredita-se que a gramática, entendida como o conjunto de regras utilizadas pelos falantes, é resultado de construções que são rotineiramente utilizadas por eles. Quer dizer, a gramática se forma (e ao mesmo tempo vai se modificando) com base em itens e construções de relativa frequência. As construções mais utilizadas exercem um impacto sobre a representação mental dos falantes, alterando constantemente sua gramática.

Para Bybee (2010), os processos cognitivos mais importantes são aqueles que atuam sobre todas as áreas da cognição²³, denominados pela autora **processos cognitivos de domínio geral**. Estes processos são dinâmicos e não exclusivos da linguagem, por isso são considerados de **domínio geral**. São cinco estes processos que, além da **analogia**, englobam: *chunking*, categorização, representação mnemônica rica e associação transmodal. Apenas a analogia será alvo desta subseção.

Para a autora, a explicação sobre a manutenção da forma passada dos verbos no inglês contemporâneo está relacionada ao processo de analogia. Dois tipos de **analogia** “entram em jogo”: o **nivelamento analógico** e a **extensão analógica**.

O primeiro tipo de analogia explicaria o surgimento de formas (de passado) regulares ao longo do tempo. Para Bybee, os verbos que se “regularizaram”, isto é, que passaram a ter

²⁰ Como mostrarei na próxima subseção, o inverso também ocorria, apesar de ter sido menos frequente na língua.

²¹ Apesar de a maioria dos verbos considerados irregulares no inglês contemporâneo ter se originado de um **verbo forte**, o que eu quero salientar neste parágrafo é a **não-exclusividade** desta última classe de verbos como fonte para os **verbos irregulares** no inglês atual.

²² Utilizo-me aqui do artigo indefinido porque não se pode falar em uma única abordagem centrada no uso. O que se tem, na verdade, é um conjunto de abordagens que comungam de pressupostos mais gerais, mencionados neste parágrafo e nos anteriores.

²³ Em psicologia, além da linguagem, processos como atenção, memória e emoção são também considerados processos cognitivos.

uma forma passada por meio do acréscimo do fonema dental (o sufixo *-(e)d*), correspondem aos verbos irregulares que eram menos frequentes na língua. Já os verbos que hoje continuam irregulares correspondem àqueles cuja ocorrência era bem maior no idioma.

No processo de nivelamento analógico, muito frequente nas línguas do mundo, uma forma regular é criada aplicando-se uma construção regular (ou seja, um padrão²⁴ regular) ao elemento base ou ao elemento mais frequente do paradigma (BYBEE 2010, p. 66). Por exemplo, a forma de passado do verbo *leap* ('pular', 'lançar-se', 'saltar') era irregular, *leapt*. Devido ao fato de os verbos regulares, de maneira geral, terem se tornado mais frequentes ao longo da história da língua²⁵, o padrão regular (com o acréscimo do fonema dental) se sobrepôs à forma mais frequente do verbo, isto é, a sua base (*leap*).

O fenômeno de nivelamento analógico fez coexistir então, junto à forma irregular do verbo, uma forma regular (*leaped*) que passou a competir com sua forma mais arcaica. Entretanto, de maneira geral na língua, houve a tendência de as formas irregulares serem suplantadas pelas formas regulares, ao invés de apenas coexistirem com elas.

Assim, de acordo com Bybee, o fenômeno de nivelamento analógico está no centro da **regularização de verbos irregulares**, que vêm se tornando cada vez **mais frequentes**. Nos casos em que ainda há (no inglês atual) coexistência de formas (uma regular e outra irregular), os dicionários da língua registram-nas, como acontece com os verbos *weep* ('chorar, lamentar' *wept/weeped*) e *creep* ('rastejar, engatinhar' *crept/creeped*), por exemplo.

Por fim, a autora registra ainda a possibilidade de **verbos regulares terem se tornado irregulares**. Este fenômeno ficou a cargo do segundo tipo de analogia mencionado antes: a extensão analógica. É um processo muito **menos comum**, mas tal qual ocorre com o nivelamento analógico, é preciso que o padrão irregular que se aplicará à forma regular seja muito frequente. Em outras palavras, é necessário a um determinado número de verbos irregulares compartilhar um mesmo paradigma, a fim de que possa atrair novos membros.

Como exemplo deste último tipo de analogia, Bybee (2010, p. 68) cita o caso de dois padrões verbais responsáveis pela irregularização de muitos verbos em inglês: os padrões semelhantes ao verbo irregular *sing/sang/sung*²⁶ e aqueles de verbos semelhantes a *wring* ('prensar', 'torcer(-se)').

Os dois padrões se assemelham pelo fato de formarem a sua forma participial por meio de alternância na vogal da raiz, utilizando a vogal **u**. Assemelham-se também por possuírem consoante nasal (-n, -m ou -ŋ) em coda na forma básica do verbo. Diferenciam-se por conta de o primeiro padrão (com base no verbo *sing*) possuir uma forma diversa para o passado e

²⁴ Utilizo aqui o termo **padrão** como sinônimo ao termo **construção**, já que foge ao escopo deste artigo adentrar em todas as questões teórico-terminológicas que a utilização do vocábulo **construção** implica. Para um detalhamento acerca destas questões, sugiro uma consulta ao capítulo 5 de Bybee (2010) e à obra de Traugott e Trousdale (2013).

²⁵ Percebe-se aqui como se deu a diacronia dos verbos de passado em inglês. Se antes, no inglês arcaico, as formas com alteração de vogal na raiz (os verbos fortes) eram mais recorrentes na língua, com o passar dos séculos, foram as formas com o sufixo dental que passaram a se tornar mais frequentes.

²⁶ Dentre outros verbos que seguem esse padrão, Bybee (2010, p. 68) cita *begin* ('começar'), *swim* ('nadar'), *run* ('correr') e *drink* ('beber'), por exemplo.

para o participípio. Na forma passada, estes verbos faziam alternância vocálica na raiz por meio da vogal **a**.

De todo modo, a semelhança de padrões entre estas duas classes de verbos foi responsável pela regularização de muitos verbos na história do inglês. Muitos verbos que possuíam uma consoante velar em coda passaram a seguir estas duas classes verbais (BYBEE 2010, p. 68). Foi o que aconteceu com verbos como *sling* ('atirar (com estilingue)', 'arremessar'), *string* ('enfileirar') e *dig* ('cavar', 'escavar'), por exemplo.

Passo agora à seção seguinte, em que teço considerações sobre os verbos irregulares no inglês contemporâneo. Realizo também algumas considerações sobre o ensino.

4 Os verbos irregulares no inglês atual

Esta seção trata das questões do inglês contemporâneo. Na primeira subseção, apresenta-se a proposta de Steinberg (1985) para uma sistematização dos verbos irregulares do inglês e na segunda, possíveis implicações pedagógicas sobre o que foi exposto neste artigo.

4.1 Visão geral das formas de passado dos verbos em inglês atual

No inglês atual, a oposição **verbo forte/fraco/anômalo** foi substituída pela oposição **verbo regular/irregular** (cf. subseção 3.1). Os verbos regulares correspondem àqueles que recebem o morfema flexional de passado *-ed*, já os irregulares, aos que não recebem morfema algum. Nos manuais e materiais didáticos, os verbos irregulares são apresentados de forma muito breve, aconselhando-se que sejam memorizados na maioria das vezes, dada a sua imprevisibilidade de forma. Assim, são considerados verbos assistemáticos.

Entretanto, Steinberg (1985) apresenta uma proposta inovadora para os verbos irregulares do inglês que, ao meu ver, mostra-se relevante para o ensino da língua. Apesar de buscar um empreendimento maior em sua obra, a saber, descrever os morfemas da língua inglesa como um todo, a autora acaba por sistematizar os verbos irregulares da língua, cuja proposta é apresentada por meio do quadro abaixo:

Quadro 4 - Padrões para os verbos irregulares do inglês contemporâneo

tipos de padrão		Exemplos
1	/ə/	como em <i>sit, put e hit</i>
2	/ə/ + alternância vocálica na base	<i>ride/rode; freeze/froze; give/gave</i>
3	/t/ + alternância vocálica na base	<i>sleep/slept; teach/taught; buy/bought</i>
4	/d/ + alternância vocálica na base	<i>sell/ sold; hear/heard²⁷; say/said</i>
5	/t/ após fonema sonoro	<i>dream/dreamt; burn/burnt; build/built</i>
6	passado simples com supletividade	<i>be – was/were; go/went</i>

Fonte: quadro construído com base em Steinberg (1985)

Para a autora, a maioria dos verbos irregulares (a única exceção é o padrão 6) apresenta um alomorfo²⁸. Juntamente com este morfema, podem ocorrer na base verbal outros fonemas (ou não). Longe de “entrar” na questão da alomorfia, que não é o objetivo deste artigo, interessa-nos a sistematização de sua proposta teórica. No quadro acima, as formas verbais separadas por barra indicam que a forma verbal à esquerda corresponde à forma básica do verbo (cf. seção 1) e à direita, à forma de passado.

O primeiro padrão detectado por Steinberg consiste em uma ausência de marcação para o passado, que é representado pelo símbolo (ə), isto é, um morfema zero. Desta maneira, o passado da forma verbal deste primeiro padrão consistiria em uma não-realização morfológica após a base verbal.

O segundo padrão, à semelhança do primeiro, também inclui um morfema zero. Contudo há, além disso, alternância vocálica na base verbal. Como se sabe, este fato contempla a herança do inglês arcaico, cuja alteração do tempo verbal para o passado se dava por alteração na vogal da raiz do verbo.

O terceiro e quarto padrões também, à semelhança do segundo padrão, contemplam alternância vocálica na base verbal. No terceiro caso, entretanto, além da alternância da vogal da base, há o acréscimo do fonema /t/. Já no quarto caso, o fonema acrescentado à base é /d/.

O quinto caso se caracteriza pela presença do fonema dental /t/ após um som sonoro da base. Por fim, Steinberg captura as formas anômalas, heranças também do inglês arcaico, sob o rótulo **supletividade** que, como já exposto neste artigo, corresponde às formas de um dado paradigma que são oriundas de um outro verbo, lexicalmente distinto. Passo agora a última subseção, em que exponho as implicações pedagógicas sobre tudo o que foi exposto neste artigo.

²⁷ Neste verbo, a alteração vocálica se dá na pronúncia, não na grafia.

²⁸ Entende-se por alomorfo a variação na realização de um morfema em um contexto específico. No nosso caso, a alomorfia em questão corresponde a uma variação no morfema de passado (-ed). Desta forma, por ser irregular, o verbo portará uma outra marcação para o passado (o alomorfo), diferente da do verbo regular.

4.2 Implicações pedagógicas

Certamente, o ensino dos verbos de passado em inglês, em especial o dos verbos irregulares, representa um desafio para qualquer professor do idioma. Primeiramente, devido à imprevisibilidade de paradigma, isto é, não há elemento algum na estrutura de um verbo que nos ajude a saber se ele será regular (e portanto receberá o sufixo flexional) ou irregular.

Em segundo lugar, o professor de língua é constantemente interpelado acerca dos aspectos arbitrários do conteúdo que ensina (as exceções às “regras”, por exemplo), o que, no caso dos verbos irregulares do inglês, torna-se muito visível.

Neste sentido, o quadro proposto na subseção anterior, com base em Steinberg (1985), fornece uma grande contribuição, uma vez que sistematiza os principais processos morfofonológicos e semânticos que ocorreram na língua ao longo do tempo, como foi demonstrado neste artigo.

Realizando uma breve digressão aqui, lembro-me das várias vezes em que fui indagado pelos meus alunos sobre a semelhança entre as formas irregulares de muitos verbos, como *run* e *swim*, por exemplo. Isto é uma demonstração, por assim dizer, do caráter intuitivo da aprendizagem de uma língua, em que seus aprendizes (e usuários) buscam padrões a todo momento (validando, em um sentido mais amplo, a analogia como um processo da cognição humana, que ocorre a todo momento). Como demonstrei na seção 2, meus alunos estavam certos, isto é, há uma relação entre os dois verbos citados.

Desta forma, incorporar a proposta do quadro 4 como estratégia de ensino dos verbos irregulares em língua inglesa só tem a colaborar, pois revela que estes verbos seguem padrões. Acredito que se o aluno compreender, por exemplo, que os verbos *sit* e *put* pertencem a um mesmo padrão, provavelmente terá menos chances de “errar” a forma passada destes dois verbos.

Vale lembrar que o quadro 4 também contempla questões fonético-fonológicas. Por exemplo, apesar de o verbo *read* (‘ler’) assemelhar-se ao padrão 1 no referido quadro, ele pertence, na verdade, ao padrão 2, uma vez que há alternância vocálica na base verbal no passado.

Demonstrei também, neste artigo, a íntima relação entre estágios anteriores da língua e sua realidade sincrônica. Assim sendo, não há como mencionar uma ignorando a outra. Não sugiro aqui, contudo, que sejam apresentados aos alunos todos os aspectos históricos e linguísticos que envolvem o desenvolvimento destas formas verbais. Negá-las também não é possível. Logo, caberá sempre ao docente julgar os aspectos que são pertinentes ao grupo a que leciona.

Por fim, o presente trabalho mostra a relevância de se considerar as contribuições da linguística teórica (neste artigo, representada por meio da proposta de BYBEE (2010)) para o contexto de sala de aula. É estabelecendo um diálogo entre elas que o professor poderá encontrar soluções para desenvolver o pensamento crítico de seus alunos acerca dos fenômenos da linguagem. Procedendo desta forma, o docente contribuirá para que a

aprendizagem da língua não se reduza a uma simples memorização de regras, preocupação esta que também se mostra verdadeira para o ensino de língua materna.

5 Conclusão

O principal objetivo deste artigo foi demonstrar que a arbitrariedade sincrônica dos verbos de passado em inglês é apenas aparente, pois se levarmos em consideração a diacronia da língua, veremos que há uma relação clara entre diacronia e sincronia.

Demonstrei que a formação do tempo passado em inglês no modo indicativo era mais complexa do que a do inglês atual. Em tempos mais remotos da língua (fase do inglês arcaico), os verbos formavam seu passado levando-se em consideração o tipo (se era um verbo fraco, forte ou anômalo) e a classe a que pertenciam. Com o passar dos séculos, o inglês foi perdendo muito de seu sistema flexional, graças a influências externas (o contato com o dinamarquês e o francês, este último trazido pelos normandos). Consequentemente, o antigo paradigma de conjugação verbal mudou, de modo gradativo.

Houve também reordenação entre os tipos dos verbos: verbos que eram fracos passaram a ser considerados fortes e vice-versa. Este aspecto é explicado pela abordagem centrada no uso de Bybee (2010), para quem o processo cognitivo de analogia foi fundamental: a passagem de verbos fortes a fracos foi o processo mais comum e se deu por meio de nivelamento analógico; já o menos comum, isto é, a passagem de verbos fracos a fortes se deu por meio de extensão analógica.

Hoje em dia, as gramáticas e manuais mais tradicionais de ensino de língua inglesa substituíram a oposição entre verbo fraco, forte e anômalo por uma entre verbos regulares e irregulares.

Por fim, sugeri que a tradicional divisão entre verbos regulares e irregulares, sem as devidas contextualizações, contribuem para um ensino arbitrário, calcado em regra e memorização. Ao invés disso, propus que aspectos linguístico-históricos sejam levados em consideração no ensino. Propus também que o ensino dos verbos irregulares leve em consideração os padrões existentes dentro deste grupo, para o qual o quadro apresentado na seção 4, com base em Steinberg (1985), tem muito a contribuir.

Referências

AMITY. Dicionário online Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/amity>> Acesso em 20 de abril de 2020.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010

CARMO SANTOS, Cassiano Luiz do. **A construcionalização de segundo, conforme e pelo que.** Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado, 2018.

CORNISH **LANGUAGE.** Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Cornish_language> Acesso em 20 de abril de 2020.

ECKERSLEY, C. E; ECKERSLEY, J. M. **A comprehensive English grammar for foreign students.** London: Longman, 1960.

FENNEL, Barbara A. **A history of English: a sociolinguistic approach.** Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

GOODEN, Philip. **The story of English: how the English language conquered the world.** London: Quercus, 2009.

GREENBLATT, Stephen; ABRAMS, M. H. (eds.) **The Norton Anthology of English Literature.** Vol I. London: Norton, 2005.

HARPER, Douglas. Dicionário online **Online Etymology Dictionary.** Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>> Acessado em 20 de abril de 2020.

HOGG, Richard. **An introduction to Old English.** Edinburgh University Press, 2002.

HORNBY, A S; WEHMEIER, Sally. (org.) **Oxford Advanced Learner's dictionary.** New York: Oxford University Press, 2000.

SKEAT, Walter W. **The concise dictionary of English etymology.** Wordsworth Editions limited, Hertfordshire, 2007.

STEINBERG, Martha. **Morfologia inglesa: noções introdutórias.** São Paulo: Editora Ática, 1985.

TRAUGOTT, Elisabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford, Oxford University Press, 2013.

Como citar

SANTOS, Cassiano L. C. Os verbos irregulares em língua inglesa: das origens a uma proposta pedagógica. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 265-279, jul./dez. 2020.

